

Atlas do Corpo e da Imaginação. Teoria, Fragmentos e Imagens de Gonçalo M. Tavares:
um texto, um olhar, uma leitura

Idália Sá-Chaves

Universidade de Aveiro

Ex. mos Senhores

Reitor, Professor Manuel Assunção

Presidente da Associação Académica, Tiago Almeida

Dr. Pedro Corga

Dr. Zeferino Coelho

Professor Gonçalo M. Tavares

Estimados Amigos

Antes de mais, os meus agradecimentos à Universidade e, mais particularmente, aos Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia pelo convite para apresentar este novo livro de Gonçalo M. Tavares. Pelo autor, pelo livro em si, pela sua obra e, sobretudo, pelo seu significado conjunto, partilho com a nossa instituição a honra de acolher, uma vez mais, o seu regresso à cidade onde cresceu e na qual, reconhecidamente, se revê e onde sempre volta não obstante a sua reconhecida condição de *cidadão do mundo*.

- **Do livro e do espanto**

Uma das primeiras ideias que gostaria de partilhar tem a ver com o **impacto dos livros no próprio leitor**. Apresentando um outro livro que, há muito me serve de referência, o autor do prefácio começa por alertar os possíveis leitores para o carácter excepcional de alguns deles. E fá-lo, afirmando que “ *há livros maus, há livros péssimos, há livros medíocres, há livros banais, livros bons, livros muito bons e livros óptimos*. Acrescenta, ainda, que *existem alguns outros que, pelas suas características, designa como “livros AH!”*”.

São livros, afirma o autor que, pela sua qualidade, operam transformações tão intensas nos seus leitores que, estes, após a sua leitura, não são mais os mesmos. *Perpassa em cada leitor uma comoção quase física*, que afecta de forma radical as suas convicções, representações,

visões de mundo, modos de entendimento da vida e das suas circunstâncias. Trata-se, naquele caso, de um livro que conta a história de uma menina rondando os cinco, seis anos encontrada em situação de abandono numa madrugada fria nas docas de Londres e do fascinante acompanhar dos seus processos de pensamento e de descoberta do mundo e da vida, nas suas mais complexas questões e mistérios. Fascinante, quer pela raridade dos processos de pensamento, quer pela aparente simplicidade dos modos como a menina elabora respostas e encontra soluções inesperadas, tendo em conta a sua tenríssima idade.

Trata-se, pois, de um livro sobre os processos de desenvolvimento humano, sobre o seu carácter imprevisível e inesperado e, como tal, fascinante e surpreendente.

Não pelas mesmas razões, mas por outras, que procuraremos ir aclarando, o livro que, hoje, nos reúne, é também um livro *Ah!!!*

Não por ser totalmente imprevisível e inesperado, se considerarmos a história de criação literária do seu autor, que nos cria expectativas do mais elevado nível quanto à qualidade e à emergência de novas obras, mas sim, pelo seu próprio fascínio e singularidade. E, não obstante o já referido efeito de habituação à surpresa, como se isto não fosse em si mesmo um paradoxo, com que, livro a livro, Gonçalo M. Tavares se tem apresentado ao mundo, repetimos, no conjunto da sua obra, este novo livro reacende o fascínio.

E, se tivermos em atenção a sua admiração pelos livros de Séneca, quando afirma que *são escritos de grande sabedoria, onde se defende uma certa resistência ao fascínio e distância em relação ao mundo*, não deixa de ser surpreendente que, nesta densa e extensa obra, o seu primeiro texto-fragmento seja exactamente sobre o espanto, enquanto capacidade de nos permitirmos o deslumbre.

Afirma o autor, retomando Steiner, que *"a fonte de pensamento genuíno é o espanto por e perante o ser. O seu desenvolvimento é essa cuidada tradução do espanto em acção, que é o questionar"*¹.

Considerando, então, que todos os seus livros são obras singulares e surpreendentes e se, com Gonçalo M. Tavares, essa singularidade é, tantas vezes e tão amplamente, reconhecida, admirada e premiada, questionamos: o que tornará este seu mais recente livro ainda mais especial e promissor?

Obviamente, que apenas a sua leitura integral poderá dar a cada leitor a resposta ajustada e o espanto prometido. Na radical impossibilidade de se apresentar um livro na sua essência e, neste caso, nas suas fulgurâncias conceptuais, formais e metodológicas, o mais a que qualquer leitor/apresentador pode aspirar é a dar conta da sua própria representação acerca do livro, coisa absolutamente distinta e, em si mesma, empobrecida.

Como refere o autor, trata-se de fazer *meras aproximações*, porque, como diz, *o belo tende a aproximar*, mas que ainda assim são sempre e apenas, aproximações tentativas e tateantes, rodeando a obra pelo seu lado de fora, num jogo de especulações à procura dos seus sentidos mais ocultos no centro e na sombra íntima das palavras.

Um jogo de tripla hermenêutica, se tivermos em conta que se trata de uma interpretação do leitor inscrita nas propostas conceptuais do autor, elas mesmas, uma interpretação pessoal das temáticas que, entretanto e no enredo reflexivo, já se abrira às interpretações de todos os outros autores que o autor chama ao jogo argumentativo e que constituem o seu corpo de

¹ p.026.

referências. Espantos sucessivos, uns desencadeando outros, no fluir dos entrelaces e das partilhas.

Por isso, apresentar um livro é, tão só, testemunhar e dar voz àquilo que, perpassando na relação escrita/leitura, religa os pontos de vista de quem escreve e de quem lê, abre o texto², que assim se dá, abrindo também, e no mesmo acto, os horizontes perceptuais do leitor que, desse modo, e em si, o acolhe.

Feita a ressalva, retomemos a questão e o propósito do nosso encontro: **o que tornará, então, este livro tão especial, tão surpreendente e tão *suscitador de espanto*?**³

Com o presente livro, e na linha de Manoel de Barros, Gonçalo M. Tavares, acrescenta aos objectos mágicos deste autor (o *abridor das manhãs*, o *encolhedor de rios* e o *esticador de horizontes*) este *abridor do espanto*, uma espécie de chave-mestra que abre sucessivas e surpreendentes portas nesta procura de razão e de entendimento para o agir humano, tornando-se assim, um verdadeiro *esticador de horizontes*.

- **O livro: uma *história de criação científico-literária***

(um contexto, uma autoria, um conteúdo, uma racionalidade)

Do nosso ponto de vista, um dos mais relevantes factores que contribuem para a excepcional qualidade desta obra decorre da sua própria matriz epistemológica, ou seja, da **articulação conceptual e metodológica entre conhecimento científico e criação literária**, estabelecendo nessa ligação **os fundamentos e a coerência de uma nova epistemologia das ciências sociais e humanas** ou, se dito de outro modo, do conhecimento que temos acerca de nós mesmos e da nossa humana condição.

Como qualquer outra criação científica, tecnológica ou artística, um livro não nasce do vazio. Acontece num contexto, tem um tempo e uma autoria, que cabe num fluxo de racionalidade(s) implícita(s) que o precedem. Ou seja, tem uma história que radica numa *epistème*⁴ oculta, que o determina ou que, pelo menos, o influencia e o torna singularmente reconhecível entre outros.

Apresenta, por isso, uma *marca de água*, uma identidade epistemológica que o contextualiza e o funda num *ethos* que o antecede e que, de forma concomitante, e exactamente pela sua diferença, o descontextualiza, projectando-o numa linha de futuridade que excede o contexto inicial.

Acontecido, é já outra coisa, numa história de criação no próprio acontecer que, tal como a vida, se actualizou entre a memória e o que fica do esquecimento, como fundamento, e a imaginação e o que esta inaugura, como possibilidade.

² Na linha das formulações epistemológicas em *obra aberta*.

³ Manoel de Barros, o *abridor de rios* e o *esticador de horizontes*...

⁴ Retomamos do sentido clássico deste conceito, as metáforas que se lhe referem como *raiz*, *alicerce* e *fundamento* como dimensões não visíveis, mas fundamentais e fundadoras dos processos de vida e de conhecimento.

Neste caso, do ponto de vista factual e tal como o autor refere em recente entrevista, embora diferente, este livro corresponde, no seu texto principal, que corre no espaço central da página, à sua tese de doutoramento - *Corporeidade, Linguagem e Imaginação* - apresentada em 2005 à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa.

Trata-se de um estudo no âmbito da epistemologia das Ciências Sociais e Humanas, com enfoque nas Ciências da Motricidade Humana e cujo objectivo é aprofundar o conhecimento acerca do desenvolvimento do pensamento reflexivo, ou seja, da capacidade de pensar do ser humano. Nesse propósito e neste contexto, os conceitos de *corporeidade* e *imaginação*, sinalizadores da unidade biopsicológica do ser humano, constituem os núcleos centrais da investigação, que releva o papel determinante e a função epistémica da *linguagem* e da *acção motora* na estruturação identitária do ser na sua relação circunstancial com o mundo.

Na senda do pensamento de Manuel Sérgio e com o inestimável contributo de uma surpreendente miríade de contributos advindos de filósofos, epistemólogos, historiadores, poetas, escritores e tantos outros pensadores, este estudo constitui um tratado epistemológico, acercando-se da complexidade ontológica do humano e que, como referimos anteriormente, abre novos caminhos na discussão sobre a filosofia das ciências, particularmente pertinente no que se refere às questões do método nas ciências sociais e humanas.

Ou seja, o que significa conhecer, o quê, como, quando, onde e porquê se conhece. Mas, sobretudo, o para quê (?), questionando as finalidades e o uso que se dá ao conhecimento que se detém no quadro dos valores, da dignidade e das indignidades, frequentes e avassaladoras, que informam as acções no quotidiano do fazer pessoal e colectivo.

Enquanto condição ontológica inalienável à própria existência, este estudo traz ao centro do debate científico, **o corpo**, na sua anatomia, na sua fisiologia, na sua funcionalidade e na sua função e carga simbólica, e traz também o **conceito de corpo** como representação e como categoria filosófica que, desde o primeiro homem, interroga o sentido do humano, o significado da ideia de humanidade e o destino da própria humanidade.

Trata-se, então, de uma profunda reflexão acerca da condição humana na perspectiva ontogenética, referente aos processos de individuação do ser, compreendida e inscrita numa leitura filogenética de evolução da própria espécie, bem como, dos factores que influenciam seu desenvolvimento.

Contemporâneo, porque intemporal, portanto.

Já nas notas finais da sua tese, e acentuando o carácter inacabado de todas as questões, o autor refere que *é importante lembrar que um texto de investigação epistemológica é sempre algo que, depois de acabado, como que exige re-começar; assim exclama Bachelard "Esse livro terminado como ajudaria o novo livro?"* Se agora, continua o autor, *de imediato, começássemos uma nova investigação certamente avançaríamos por outro caminho e provavelmente discutiríamos alto com as teses que agora apresentamos.*⁵

- **Um eterno recomeço**

Não de imediato, mas quase uma década mais tarde, trinta e três livros e inúmeros prémios depois, Gonçalo M. Tavares cumpre agora, 2013, esse desígnio de recomeço com este *Atlas do Corpo e da Imaginação. Teoria, Fragmentos e Imagens*. No entretanto, um tempo

⁵ 2005, p.792.

fascinante na vida do autor. Pensador, professor universitário responsável pelas disciplinas **Epistemologia** e **Cultura e Pensamento Contemporâneo**, desvenda a sua faceta de escritor, e surpreende o mundo com as suas criações literárias, percorrendo com enorme êxito, e consensual reconhecimento nacional e internacional, os mais variados registos e estilos literários e, com eles, as questões fundamentais do humano pensadas no quadro e nas condições da actual modernidade⁶. É neste acontecer, já de si extraordinário, que este novo livro acontece também.

Retomando a questão de Bachelard - *Esse livro terminado, como ajudaria ao novo livro?*

- **Da reconfiguração**

Reconfigurada, a tese constitui a *coluna vertebral* deste novo livro. Ou seja, o seu *corpo*, simultaneamente, estruturante e organizador, o **texto-mãe**, o impulso gerador, a matriz conceptual e o discurso fundador, que se abre em infindas saídas e em infinitas entradas que retomam, recolocam, discutem, ampliam e, portanto, enriquecem as formulações de partida tomadas, anteriormente, como questões de pesquisa.

Atlas, chama-lhe o autor, que na mitologia grega procura fundamento e metáforas e na contemporaneidade razão, pretexto e sentido. Portanto, uma razão longínqua, indagando, numa abordagem de compleição filosófica, as grandes e intemporais questões do humano e uma razão próxima, que recoloca essas mesmas questões no quotidiano de cada pessoa em particular, aliadas à crença na nossa capacidade pessoal e colectiva para as (re)significar e, (re)significando-as, encontrar alguma saída no *labirinto* existencial.

Neste sentido mais distanciado no tempo, remete para Atlas, um dos titãs gregos, condenado por Zeus a carregar nos ombros, e para sempre, o *peso dos céus*.

A fazer lembrar Kundera, e também alguns dos seus livros anteriores, que melhor metáfora para contrapor à *insustentável leveza* da imaginação humana do que o, também insustentável, *peso do céu*, enquanto representação simbólica de tudo o que nos excede, nos transcende, nos desafia e nos fascina?

Atlas do corpo e da imaginação para dizer, repetimos, mapeamentos da condição humana que, como cartas de marear, ajudam na procura de entendimento acerca da existência e dos sentidos possíveis que, a partir dela, se desenham.

Todavia, neste caso, os mapas que, no acto de leitura ante o leitor, se desdobram são *mapas conceptuais* que desafiam, propõem, questionam, ousam, delineiam e/ou sugerem novas geometrias fundadoras da compreensão da nossa humanidade pessoal e colectiva à *procura do círculo perfeito*.

⁶ É um homem genial, a chegar aos 40, reconhecido já como um dos grandes escritores de língua portuguesa do século XXI. Editado no mundo todo, recebe críticas elogiosas nos grandes jornais e revistas. Recentemente, *Aprender a Rezar na Era da Técnica* foi apontado como o melhor romance estrangeiro editado em França. Uma honra, diz ele. Em França dizem frequentemente que é o Kafka português. Usa uma barba espessa, anda a pé pela cidade, esquivava-se a falar de si próprio. O que importa são os livros.

Atlas, também, como memória, nominalmente inscrita na primeira vértebra cervical, ali, onde, metaforicamente e de forma precisa, esse peso do **ser consciência** incide, e que o corpo, titanicamente, gera e suporta, como se o mundo coubesse inteiro na imaginação de cada homem.

Afinal, um título, no equilíbrio entre a dimensão material e física da condição humana e a capacidade de pensar, de efabular, de especular, de sentir, de perceber, de relacionar, de esquecer e de lembrar, ou seja, de imaginar.

Tarefa hercúlea, obviamente, mas para a qual este texto vai abrindo hipóteses, possibilidades e fios de compreensão. Um fio de Ariadne que, na tessitura das linhas transversas, se abre e ilumina nos desvios, entendidos como insondáveis fontes de espanto.

Assim, do ponto de vista formal e na sua nova formatação, em vez de um corpo textual único, este novo livro apresenta, na parte central da página, o texto académico (segundo o autor, com inúmeras alterações, cortes, etc.) correndo, nas duas margens laterais, um outro texto subjacente a um vastíssimo conjunto de imagens legendadas, da autoria de um grupo de artistas plásticos⁷ com quem trabalha e que, no dizer do autor, constitui um *segundo livro* dentro do primeiro.

Questionado recentemente acerca desta ligação, o autor destaca que, simplesmente, gosta da ideia de misturar palavras e imagens e também de pessoas que, abrindo o livro, possam pensar que se trata de um livro para crianças. *Espera-os uma surpresa*, refere. E, acrescenta, *gosto desta dimensão visual que torna o livro não apenas um objecto para ler, mas também para ver*.

Na profundíssima reflexão que desenvolve, e nesta nova composição e arquitectura textual, as imagens e as legendas surgem como novas metáforas, constituindo fragmentos que, enfocam o olhar do leitor, concentrando a sua atenção em detalhes conceptuais que aclaram e aprofundam os seus modos perceptivos, conduzindo a novas representações e a uma mais profunda compreensão dos seus postulados.

Ou seja, expandindo, desmultiplicando e aprofundando a própria teoria. Ensinando.

E, embora na sua reflexão, Gonçalo M. Tavares sustente que os conceitos são ideias *engavetadas* em categorias⁸, o que com o autor se torna um extraordinário jogo, é a sua capacidade para abrir as *gavetas* e fazer explodir os conceitos em novas significações, possibilidades, redacções, ligações e brilhos. Uma festa do e para o pensar.

No final de cada página, um sistema de referenciação abre o texto principal a uma dialogia polifónica, para retomarmos Bakhtin, através da qual, o autor invoca os contributos de outros autores que, ao longo dos tempos e provindo das mais variadas áreas do pensamento, contribuem para este grande debate. Mais do que como autoridade legitimadora das teses propostas, surgem a abrir novas possibilidades de entendimento e novos desafios intelectuais, quer quanto aos conteúdos, quer quanto aos modos narrativos e argumentos que utilizam.

Na sua expressão total, uma revisitação, uma excelência, uma fruição, um deleite.

⁷ Os Espacialistas, conforme o autor.

⁸ 2013, p.029

Desse modo, ampliam as teses em discussão, cruzam as narrativas e, numa vibrante intertextualidade, levam aos limites a procura de entendimento e refinam as abordagens e as metodologias, cumprindo o que o autor antecipara há uma década atrás: *provavelmente discutiríamos alto com as teses que agora apresentamos*.

Da ciência à arte, da linguagem à literatura, da filosofia à poesia, do teatro à dança, da geometria à estética, das ciências da vida à ética, assim se desenha, em ligações *a priori* improváveis, a passagem de uma formatação marcadamente académica para um discurso que, sem perder as características de exigência e de rigor conceptual, se reconfigura num registo de matriz científico-literária que recolhe e combina sabiamente o melhor das duas abordagens.

Nesta passagem do registo científico ao registo literário, é já o escritor a fazer valer os seus conhecimentos de professor com vista à instituição de um conhecimento aberto, rigoroso e crítico e, no mesmo gesto, a transformar a investigação e a pedagogia, fazendo valer uma teoria do conhecimento como construção na liberdade criativa e exaustão argumentativa, que combina a poética da linguagem e o primado da ética da relação, da partilha e do esforço de lucidez conjunta.

Diríamos, então, que há neste livro uma feliz contaminação das abordagens e dos campos de conhecimento, sem que se anulem as respectivas especificidades.

Contribui, por isso, decisivamente, no **registo científico**, para uma iluminação epistemológica através de novas questões colocadas por outras lógicas conceptuais e por outros modos de criação e de *leitura* do mundo e, no **registo literário**, para um tipo de abordagem e de fundamentação da escrita argumentativa, que constitui um notável contributo para aprofundar a epistemologia da criação artística nas suas múltiplas manifestações.

No seu conjunto, uma refundação do pensamento contemporâneo a partir de uma profunda análise da errância das pessoas, das ideias, das culturas e das civilizações em trânsito.

- **Dos conteúdos**

No quadro das grandes e intemporais questões que, de forma recorrente e constante, se colocam à humanidade no seu todo e a cada ser humano em particular, as temáticas aparecem organizadas em quatro grandes capítulos - *o corpo no método, o corpo no mundo, o corpo no corpo, o corpo na imaginação*.

Questões essas, que se cruzam nos significados, nas relações e nas recorrências constantes que, de algum modo, desfragmentam, religam e, desse modo, permitem uma visão complexa do ser na sua relação com o mundo, com os outros e consigo próprio, num lento e profundo acordar da consciência.

Como uma constante, como um denominador (ou múltiplo) comum aos quatro grandes capítulos, é a partir do conceito de corpo na sua funcionalidade orgânica e do papel dos órgãos dos sentidos na captura e interpretação da chamada realidade, que o autor enraíza a discussão acerca dos métodos, dos instrumentos, dos olhares, dos equívocos e dos anseios de *objectividade, exactidão* e de *verdade* na construção do conhecimento, enquanto processo individual e colectivo.

Assim, no primeiro capítulo, o autor coloca e discute as opções metodológicas que, de algum modo, antecipam as suas escolhas conceptuais e releva a importância do *espanto* e do *fragmento*⁹ para, como diz, *aumentar a lucidez ... e as possibilidades de verdade*, através da colocação de múltiplas hipóteses¹⁰. Nesse sentido, propõe uma novíssima leitura para o conceito de fragmento, dizendo que, pela sua natureza, *é um ponto onde se inicia...; uma máquina de produzir inícios...*, que *obriga o relevante a aparecer logo, a não ser adiado, acelerando a linguagem e acelerando o pensamento*. Dessa forma, legítima e ilustra com clareza, quer a engenharia conceptual e o efeito multiplicador de cada fragmento (metáfora, imagem, história, verso, referência,...), quer a organização textual multifacetada e multidiscursiva desta sua obra.

Já no segundo capítulo - *o corpo no mundo* - o autor reflecte acerca da relação entre o indivíduo e os outros, nas circunstâncias próprias que lhe definem uma cartografia única de experiência de mundo e das representações que tece a partir dela. Ou seja, a partir das condições de vivência bioecológica e de representação identitária eco-sociológica.

Neste quadro, retoma a relação, mútua e dialecticamente constitutiva, da *cidade* e da pessoa, destacando nela, ao nível do sujeito, as funções primordiais do desejo e dos sentimentos e, ao nível da relação eu-mundo, a importância da qualidade das ligações para a acção inteligente de intervenção no mundo.

Nessa relação, destaca, uma vez mais, o papel primordial da linguagem nas suas múltiplas manifestações, das culturas nas suas múltiplas *nuances*, das normas e de outras formas de regulação (ou, quem sabe? de manipulação e controlo) para discutir a ambivalência das relações de poder, a função normalizadora da cidade, a ideia de mal colectivo, bem como a possibilidade de o pensar como lição.

E, não obstante algum pessimismo, considera a possibilidade do desvio criativo e ético através dos afectos consentidos e partilhados. *Repara, não é ilegal voares*,¹¹ alerta Gonçalo M. Tavares num dos seus fragmentos.

É no capítulo seguinte - *o corpo no corpo* - que o autor retoma a reflexão acerca das identidades pessoais na sua infinita multiplicidade e complexidade ontológica e epistemológica e discute, no âmbito de diferentes racionalidades, as potencialidades e os limites do ser e do pensar e o confronto com as limitações do próprio pensamento.

Potencialidades, nas possíveis inversões de sentido, tal como na dança, na qual o peso fica leve, o *voo acontece sem asas* e as geometrias das trajectórias desenham, nos riscos das coreografias imperfeitas, a lembrança de que não é ilegal voar, desejar, sentir, viver, morrer ou simplesmente imaginar.

Limitações, enquanto encontro com a dimensão do não conhecido e, por isso, do ainda não inteligível na relação eu-mundo, para o qual, no correr lento dos tempos e incessantemente, se procuram palavras e inteligibilidade.

Particularmente desafiadora, a sua reflexão acerca da dor, do sofrimento, da morte e da sua inexorabilidade e, nesse limite ontológico, acerca das palavras feitas oração, nas quais inexplicavelmente elas perduram e se dizem no sussurro ou no grito que habita a radical solidão do ser e independentemente da Língua na qual são proferidas.

⁹ 2013,p.041

¹⁰ 2013,p.067

¹¹ 2013,p.080

Por fim, no último capítulo - *o corpo na imaginação* - Gonçalo M. Tavares retoma, redefine e, como sempre, amplia o conceito de imaginação, referindo-se-lhe *não como uma ignorância ou um improviso* mas como uma racionalidade¹², uma *racionalidade livre que constrói para si própria uma lógica, uma metodologia*.

E faz caber no acto de imaginar toda a experiência de criar, de construir possíveis, de pensar e de os tornar realidade através do fazer, acrescentando que *quem tem poucas imagens na cabeça tem poucas significações e esta pobreza linguística, esta pobreza de frases e de imagens é uma pobreza de mundo*.

Destacando o fazer intencional, refere o valor da capacidade para criar metáforas como um poder tão invejável como o poder de construir uma casa ou plantar uma árvore. E acrescenta: *é esse poder que os criadores se orgulham de possuir. Sim, tu tens uma casa, mas eu tenho uma metáfora. Ou, então, sim, tu tens um Mercedes, mas eu tenho uma ideia*.

Resumindo, a escrita de Gonçalo M. Tavares, marcada pela concisão e precisão na construção da frase e pelo brilho na organização discursiva, aliados ao poder das imagens na activação dos processos de compreensão e o fulgor da referenciação, definem uma estética da linguagem que, tal como o autor sublinha, seduz, convida e aproxima. O belo apetece.

Num historial concentrado de êxitos, que atravessam as culturas e internacionalizam o pensamento, é Gonçalo M. Tavares quem, desta vez, carrega o *peso do mundo* nos ombros da sua escrita.

Falamos do *peso* da sua invulgar erudição, da sua própria condição e identidade pessoal e profissional, da sua surpreendente inteligência e imaginação associadas a uma desconcertante humildade e apagamento pessoal que, neste novo livro, fazem mover, página a página, perante cada leitor, um desafiante caleidoscópio de paisagens conceptuais a pedir navegação, a pedir desafio e a garantir descoberta.

A propósito de anterior obra do autor, Vasco da Graça Moura¹³ afirma que, daqui a cem anos, haverá ainda teses de doutoramento para a estudar nos seus mais profundos detalhes, significados e desafios conceptuais e epistemológicos.

Por acrescidas razões, este livro, que é mais um momento fulgurante e único na fulgurante história de criação e de produção literária de Gonçalo M. Tavares, ficará como inestimável contributo na história e na filosofia da ciência e da literatura contemporâneas.

Portanto, e desse ponto de vista, paradoxalmente, não surpreende.

Apenas porque o autor já fez do fascínio um hábito. Um clássico.

18 Dezembro 2013

¹² 2013, p.033

¹³ Vasco Graça Moura, «A Torto e a Direito», TVI24, 6/11/10